



Bestseller
Internacional
N.º 1 do top do
New York Times



O Meu Cão Sobreviveu (e Eu Também)

Teresa J. Rhyne

A história verídica de um cão que se recusou a desistir.
E a da mulher que seguiu os seus passos.

nascente

ÍNDICE

PARTE I

Capítulo 1 · Bagagem	13
Capítulo 2 · Homem conhece cão	30
Capítulo 3 · Um passeio em família	43
Capítulo 4 · Estranhos invasores	57
Capítulo 5 · Margens de erro	71
Capítulo 6 · Equipados	83
Capítulo 7 · Tóxico	92
Capítulo 8 · Fêmeas alfa	104
Capítulo 9 · Travando batalhas	117
Capítulo 10 · Queda e recuperação	128
Capítulo 11 · Zona vermelha	138
Capítulo 12 · Qualquer outro cão	150

PARTE II

Capítulo 13 · Alta suspeita de malignidade	163
Capítulo 14 · Doutor Bom Karma	175
Capítulo 15 · Como um duque	193
Capítulo 16 · O bloco nuclear	212
Capítulo 17 · O jogador	220
Capítulo 18 · Um disfarce	233
Capítulo 19 · Cocktails para um	246
Capítulo 20 · A festa do <i>beagle</i>	258
Capítulo 21 · Efeitos secundários	270
Capítulo 22 · Um caso perdido	281
Capítulo 23 · Tempos cabeludos	291
Capítulo 24 · <i>Aloha</i> , cancro	305
Agradecimentos	315

BAGAGEM

Não lhe deveria ter pedido para me ir buscar ao aeroporto. Estaria eu já assim tão só e desesperada? Retirei a minha bagagem de mão da bagageira. Agora era demasiado tarde. Ele lá estaria à minha espera, como deve ser, na sala de chegadas. *Ou não.*

Agora sentia-me invadida pelo medo. Já era suficientemente embaraçoso que lhe tivesse enviado um e-mail de um cibercafé, admitindo que tinha saudades dele e pedindo-lhe que me fosse buscar, mas, e se ele não o fizesse? E se não estivesse lá ninguém para me receber? O preço da viagem de táxi até casa não seria sequer tão alto quanto o de toda a terapia necessária para superar a dor psicológica que sofreria. Caminhei pelo estreito corredor do avião, empurrada pela impaciência dos outros passageiros que, imaginava eu, teriam todos alguém no aeroporto a esperá-los alegremente, empunhando sinais e flores, prontos para os arrancar do chão em abraços entusiastas. Não admirava que estivessem com pressa.

— Já agora, gosto imenso da sua écharpe — comentou a assistente de bordo, sorrindo e fresca que nem uma alface, apesar das doze horas de voo.

Olhei para a écharpe que trazia, colorida e tricotada à mão, comprida e esvoaçante.

— Oh, obrigada! Comprei-a na loja da minha prima em Athboy, nos arredores de Dublin. — Talvez, se entabulasse uma longa conversa com a hospedeira, nunca mais precisasse de sair do avião. Talvez ela me pudesse dar boleia até casa quando o inevitável acontecesse.

— Foi na *McElhinney's*? — Perguntou-me ela no mesmo sotaque irlandês dos meus primos.

— Foi sim. É interessante que a conheça — respondi, enquanto a multidão avançava, fazendo-me passar por ela.

— É uma loja fantástica. Tem coisas tão bonitas! E você fica um arraso com ela. — Parecia sorrir com sinceridade. — Adeus.

Porém, o elogio não me consolou. Eu, com um visual de arrasar, não era bom sinal. Há muito tempo, a Stacey, uma amiga minha, dissera-me que conseguia sempre saber que eu andava na mó de baixo quando me via tão produzida. Se eu andava perfeitamente vestida, bem penteada e com boa apresentação, ela sabia logo que eu vestira a minha armadura e que estava preparada para, como era o caso, lutar contra os meus próprios moinhos de vento. Quando eu tinha um aspeto arrasador, era porque algo na minha vida andava arrasado.

Apanhara este avião para casa depois de ter viajado para a Irlanda com o meu irmão e uma prima, aparentemente para festejar o aniversário dos seus quarenta anos mas, no fundo, para fugir à solidão da minha casa a seguir ao meu segundo divórcio e à morte de dois velhos cães meus, tudo ocorrido nos últimos seis meses. Por isso, pela perspetiva da Stacey, sim, devia ter um aspeto impecável. Contudo, a viagem fora maravilhosa, e o propósito de afastar os maus pensamentos da cabeça e de avançar para uma nova vida fora cumprido. Estaria, no entanto, com muito melhor disposição se não tivesse pedido tão disparatadamente a um homem com quem apenas namorava havia alguns meses para me ir buscar ao aeroporto. Por amor de Deus, eu nem sequer deveria andar a namorar! Jurara nunca mais ter namorados. Jurara nunca mais me meter com homem algum. Tinha agora a minha vida cuidadosamente planeada, e as relações eram algo do passado. Nada de futuros envolvimento. Nada.

Ao aproximar-me da escada rolante, vi imediatamente o Chris ao fundo. Mesmo àquela distância, os seus olhos azul-claros eram perceptíveis. Que raios — as pestanas eram tão grandes que se viam mesmo bem à distância. Era alto, de cabelo negro, farto, mesclado de madeixas grisalhas, o que também o fazia sobressair. Além disso, vestia a camisa aos quadrados azul-claros. A minha camisa preferida. Estava muito bonito.

Não consegui evitar um sorriso. Sentira saudades dele. E tinha tantas histórias fantásticas para lhe contar que sabia que nos iriam fazer rir logo a seguir a um banho quente juntos, uma garrafa de vinho

e... bem, as histórias poderiam perfeitamente esperar. Assim como o meu plano de vida cuidadosamente arquitetado, pelos vistos. Caí nos braços dele mal desci as escadas.



— Depois de todos aqueles dias frios deambulando pela Irlanda, isto sabe mesmo, mesmo bem — proferi, afundando-me na água do banho, tanto pelo efeito consolador da água quente como para manter o meu corpo de meia-idade completamente coberto pela espuma. A minha casa tinha a maior banheira que já vira. A profundidade da banheira permitia-me esconder o pudor que ainda sentia — a espuma vinha até às minhas clavículas — mas era mais do que isso. A enorme banheira tinha um metro e oitenta e três de comprimento por cerca de um metro e vinte de largura, ocupando três terços da casa de banho. Assim, apesar de sermos ambos altos, o Chris e eu cabíamos perfeitamente lá dentro virados um para o outro. Também havia bastante espaço de ambos os bordos para uma garrafa de champanhe num balde e velas.

— A mim também me sabe bem e não andei a viajar. Estás cansada? — perguntou o Chris, voltando a encher a minha taça com champanhe.

— Um pouquinho. Mas dormi bastante bem no avião. E seria melhor para combater o *jet lag* se ficasse acordada mais algumas horas.

— Posso ajudar-te nisso — proferiu o Chris, inclinando-se para me beijar.

Beijei-o também.

— Tenho a certeza de que podes.

O Chris ergueu o sobrolho maliciosamente. Reclinou-se na banheira.

— Conta-me lá a tua viagem.

Gostava imenso que lhe agradassem as minhas histórias. Eu trazia sem dúvida uma série delas da Irlanda, onde visitara a família do meu avô. Contei ao Chris o caso particular de uma pessoa da família que não parara de me fazer rir — o meu primo Seamus. Tinha a certeza de que ele também faria rir o Chris.

Na segunda noite passada na Irlanda, vários membros da família tinham-se reunido para um jantar num *pub*. A prima Colleen, com quem eu viajara para lá, dissera que o seu namorado iria ter conosco também. O meu irmão tivera algumas conversas com a Colleen sobre esse namorado misterioso e começara a duvidar de que existisse mesmo. Nunca aparecia quando devia aparecer. Nessa noite, juntaram-se a nós vários outros parentes e amigos, mas o Misterioso Namorado Irlandês não se encontrava entre eles. Passámos duas horas no *pub* à espera que vagasse uma mesa suficientemente grande para cabermos os catorze. Ou talvez fôssemos apenas treze. Muitas bebidas e telefonemas mais tarde, o senhor MNI ainda estava misteriosamente ausente.

Quando, por fim, nos sentámos, às onze horas da noite, a Colleen pediu licença para ligar mais uma vez.

O meu irmão Jay perguntou a Claire, uma outra prima:

— Então vocês nunca conheceram este tipo, pois não?

— Nunca. Ela anda a perder tempo.

— Achas que o tipo existe mesmo?

— Se existe, é um bom sacana — afirmou o Seamus, irmão da Claire, por quem outrora eu tivera um fraquinho, não fosse o facto de dizer constantemente palavrões, como muitos dos meus parentes irlandeses. Para mim, o Seamus era o protótipo do irlandês — magriçela, pálido, de cabelo ruivo, muito amigo da bebida e de comentários histriónicos.

Quando a Colleen voltou para a mesa, o Seamus abordou-a:

— Prima, o que andas tu a fazer? Deixa lá isso. O sacana não vem.

— Estou preocupada, ele pode ter tido uma emergência no trabalho. Ou então não consegue encontrar o sítio.

— É um raio de um canalizador. Que raio de emergência é que pode ter tido que não pode telefonar? Este é o único *pub* da cidade que se chama *Inn Moderation*. Encontrá-lo-ia, se procurasse.

Achei que era um conselho bastante sábio.

A Colleen pensou precisamente o contrário.

— Eu cá acho que ele não conseguiu encontrar o sítio. Ele não é de cá e já é muito tarde, deve estar cansado, não acham? Sei que ele

queria vir. Disse isso, ontem à noite. Só quero dar-lhe as indicações para ele poder cá chegar, se precisar.

O Seamus enterrou as mãos nos cabelos.

— Prima! Se um tipo quer encontrar o raio de uma mulher, encontra-a, carago!

Contei a história, imitando o melhor possível o sotaque irlandês do meu primo. O meu esforço foi recompensado ao ver o Chris desatar às gargalhadas.

— O Seamus é um génio.

— É precisamente o que eu penso.

— Se um tipo quer encontrar o raio de uma mulher, encontra-a, carago!

— E não achas que soa muito melhor com sotaque? O Jay e eu não conseguíamos deixar de dizer «carago». Acrescentávamos a palavra carago a todas as situações.

— Absolutamente. É hilariante. E o que ele diz é verdade.

O Chris olhou-me diretamente nos olhos.

— Encontrei-te.

De repente, dei por mim intensamente interessada no fundo da minha taça de champanhe, olhando-a profundamente. Bebi até ao fim para melhor poder observar o fundo.

Isto era apenas uma aventura. Tratava-se somente de sexo muito bom e de passar uns bons momentos. Eu não era o que ele procurava. Como poderia ser? Ele tinha 29 anos. Eu, 41. Ele vivia em Los Angeles, na zona ocidental. Eu vivia a mais de 95 quilómetros para este, numa zona muito menos glamorosa. Ele era um jovem solteiro. E bonito. Eu era... bem, não era jovem e ainda andava a lambar as feridas do meu segundo divórcio. O meu segundo divórcio. Eu não era nada de que alguém estivesse à procura.

Ele pegou no meu pé direito e massajou com carinho o peito do pé.

Quando começou a desenhar uma linha delicada com o dedo pela minha perna acima, senti-me descontrair. Estão a ver, é apenas sexo. É disso que ele anda à procura. Tanto melhor assim! Nada que se pareça com uma relação. Ufa! Sexo posso eu fazer; é com tudo o resto que vem depois que eu não me dou assim tão bem.

Contudo, era boa a matemática. Determinara facilmente que o denominador comum nos meus dois divórcios era eu. Tendo em conta que nenhum dos casamentos que me haviam rodeado na infância tinha sido feliz, ou sobrevivera quando eu chegara à idade adulta, isto não deveria ter-me surpreendido, mas tinha. Eu era boa em muitas coisas, mas, ao casamento, já se percebera, nem por isso. Assim, seis meses depois de ter deixado o meu segundo marido, e de vir viver para esta casa arrendada, prometi começar aquilo que eu, talvez demasiado afetuosamente, apelidara de alfabeto da minha vida. Já tinha algumas letras importantes.

Como o personagem de Steve Martin no filme *O Tonto*, tudo de que precisava era de C, mais um C e L: café, cães e livros. Bastava-me.

O L era para Livros — forrei as paredes da sala de estar e as de um dos quartos livres com estantes carregadas de livros, mal combinados, e distribuí os restantes em pilhas amontoadas por toda a casa onde ninguém me pudesse dizer que estavam desorganizados.

O C era de Café, que bebia às chávenas, sem ninguém para refilar comigo por ter sujado a bancada da cozinha.

O outro C era para Cães — tinha dois *beagles*, o *Richelieu* e o *Roxy*, e dissera ao meu sócio advogado, a quem arrendara a casa, para não se preocupar em mudar a horrível tapete verde, visto os meus cães já estarem velhos, porcalhões e poderem causar algum desastre. Por isto queria eu dizer que eu era velha e desorganizada e que tencionava orgulhosamente continuar assim. (Cheguei à conclusão de que uma das muitas coisas boas nos cães é que eles não se importam que lhes atribuam culpas por aquilo que não fizeram.)

Houve então um amigo da faculdade que me alertou para o facto de não ser provável que eu sobrevivesse sem bebida. É para isso, aliás, que temos amigos da faculdade, não é?

Assim, acrescentei o A para Álcool — o que para mim significa vinho. Bem, e martínis. Ah, é verdade, também quer dizer margaritas.

A, C, C e L. Encaixotei essas letras do alfabeto da minha vida, enfiei tudo na carrinha das mudanças e deixei a vida de casada para trás.

O som que ouvem não é o chiar dos travões da carrinha — é o do destino a rir-se na minha cara.

Vivi sete semanas com os dois cães na minha nova casa — o tempo suficiente para me adaptar a passeios e refeições, para traçar a linha a marcar quem ficava com um lado da cama ou do sofá e para organizar o nosso lar para três. Pelo final de abril, o *Richelieu* teve uma série de ataques de epilepsia e acabei por ter de o deixar partir. Embora soluçando e lançando pragas ao mundo, percebi que era o melhor para ele.

Em agosto, o ataque por insuficiência cardíaca que o veterinário previra para a minha cadela acabou por acontecer e perdi também a *Roxy*. Cheguei a casa do trabalho e dei com ela morta, no meio da sala de estar, mesmo em frente de todas aquelas estantes. A minha amiga Stacey levou-me ao consultório do veterinário enquanto eu levava a *Roxy*, morta, ao colo, tremendo, triste e lavada em lágrimas. Quando ela me levou de volta a casa, eu ia enroscada no assento do passageiro, a soluçar como uma Madalena.

Ao entrar em casa, a única coisa que me saudou foi aquela horrível tapete verde. Vivia há cinco meses o alfabeto da minha vida e já me faltava uma letra. Quisera estar sozinha, mas não assim tão só. Nunca quisera ficar sem os meus cães. Os cães eram a única relação constante e coerente na minha vida e agora também eles haviam partido.

O silêncio sufocou-me durante algumas semanas. Pensei em arranjar outro cão, mas aprendera a grande maldição cósmica que todos os que gostam de cães acabam por aprender — pode ter-se o amor incondicional, a devoção e a quase perfeita relação que um cão nos dá, mas apenas por doze ou quinze anos, se tivermos sorte. Depois disso o coração volta a ficar destroçado. Achava que não conseguiria suportar essa dor novamente.

Foi então que fugi para a Irlanda.

Porém, agora voltara e não tinha cães, e encontrava-me recostada, nua, na banheira cheia de espuma, bebericando champanhe com um jovem lindo. Teria a minha vida nas mãos ou não?

— Ei — o Chris empurrou a minha perna para dentro de água — ainda estás acordada?

— Sim — pousei a taça de champanhe no bordo e esforcei um sorriso. — Posso contar-te o resto das histórias da Irlanda de manhã. Temos coisas melhores para fazer agora.

— Gosto disso — disse o Chris, inclinando-se para mim e envolvendo-me nos braços.

Apaguei as velas antes de sair da banheira.



Quando o Chris acordou, já eu ia na terceira chávena de café e estava preparada para falar. Sobre a Irlanda. Regalei-o com histórias de *pubs* e castelos e de cantorias nos *pubs* e de o meu primo nos ter feito entrar à socapa num clube privado, em Limerick, sem nos ter dito que não era membro, descrições de penhascos verdejantes e paisagens maravilhosas, das estradas estreitinhas e das rotundas (que apelidei de rodelas), dos lindos rostos irlandeses, e de que eu era alguns centímetros mais alta do que todos os meus parentes. O Chris escutava, ria, e ia fazendo perguntas.

— Fomos ver as campas dos nossos bisavós, o que foi giro, apesar de termos tido de assistir à missa.

— Pois, não pensei que passasses dez dias na Irlanda sem ir à missa. — Tanto o Chris como eu fomos criados no catolicismo; ambos havíamos frequentado escolas católicas e tínhamos ascendência irlandesa, apesar de o Chris ter um lado alemão também. Porém, termos sido criados como católicos é o laço especial que nos une, particularmente por termos sobrevivido à educação nas escolas católicas. — As freiras não apareciam de repente para vos dar reguadas nos nós dos dedos? Ou usavam apenas o golpe do ponteiro proverbial?

— Nem uma coisa nem outra, surpreendentemente. E eu evitei a confissão uma vez que tínhamos só dez dias para lá estar.

— O divórcio ainda não é legal lá? Se calhar, na Irlanda ainda és casada.

Estávamos sentados na cama e eu tinha uma camisa de noite vestida, ao passo que o Chris estava nu.

— Isso faria de mim uma pecadora de um género completamente diferente.

— Uma pecadora sexy. Gosto disso.

Rimos ambos, até que ele disse:

— Provavelmente a única falha técnica nesse teu plano para recuperares do divórcio foi teres escolhido um país devotadamente católico. Vocês falaram dos teus divórcios quando lá estavas? Como explicaste isso?

— Não expliquei. Evitei totalmente o assunto. — Tentei parecer mais despreocupada do que me sentia. — Na verdade, sentia que durante todo o tempo que estivera na Irlanda usara um «D» escarlate, especialmente devido ao facto de não me ter encontrado com ninguém divorciado. — Provavelmente pensam que sou uma solteirona. Se alguém nos perguntava sobre filhos ou cônjuges, tanto o Jay como eu respondíamos falando da mulher e dos filhos dele.

— Inteligente. Então nunca ninguém perguntou nada sobre um marido? Nunca tiveste de explicar porque não tens filhos?

— Bem, o primo Seamus aflorou a questão no fim. Na manhã do último dia, estávamos nós na cozinha da Claire a despedirmo-nos de toda a gente. O Seamus deu-me um abraço de despedida e sussurrou «Ainda não entendo porque é que nenhum tipo te passou a perna e te arrebatou.»

— O primo Seamus volta a atacar! Ele é hilariante!

— Ele fez-me rir muito.

— Então contaste-lhe que já vários homens te tentaram passar a perna mas que não deu resultado?

Como explicaria eu tal facto? Só recentemente havia conseguido superar isso. Com muita, mas mesmo muita terapia.

Escolhera o meu primeiro marido sem ter sequer noção do que poderia ser uma relação saudável. Só compreendia que o casamento tradicional (mãe em casa, pai a trabalhar em diversos empregos, miúdos possessos de um lado para o outro) não dera resultado para ninguém que conhecesse e que parecia muito desagradável. Não era para mim. Então, escolhera alguém totalmente estranho (croata, que falava três línguas), inteligente (conhecemo-nos na Faculdade de Direito), lindo (Willem Dafoe a tomar esteroides... e, esperem, já lá iremos) e infinitamente encantador. Ainda hoje me espanta que ele fosse também narcisista, viciado, gastador e um mulherengo que pensava que

eu ficaria em casa a ter os filhos loirinhos e de olhos azuis dele, enquanto ele... bem, já veremos.

Fazia então perfeito sentido que o marido seguinte que escolhi fosse um ultraconservador, menino da mamã, um campônio do Midwest que era tão seguro quanto... bem, tão seguro quanto os limites da sua não diagnosticada (e não tratada) perturbação obsessiva compulsiva o deixava ser. Por isso, sim, compreendia que fizera a minha versão do conto da *Caracóis Dourados e os Três Ursos* («esta está demasiado quente, esta demasiado frio, esta é demasiado mole, esta é muito rija...»). Porém, isso não queria dizer que a maior parte das pessoas o compreendesse.

O Chris sabia da minha história à *Caracóis Dourados*. Tinha-lha contado ainda antes de namorarmos, muito antes de termos atravessado a fronteira entre amigos num clube de leitura e passado a amigos numa banheira. Na altura eu pensava que ele estava apenas a dar alguma alegria a uma mulher de meia-idade a atravessar uma fase de divórcio com cocktails, enquanto esperava que as reuniões do clube de leitura comesçassem. Antes de eu me ter apercebido que ficávamos horas a falar antes de o nosso grupo começar a reunião.

— Não, não me parece que a minha versão da *Caracóis Dourados* possa ser traduzida para Irlandês Católico. Simplesmente, deixei passar. Prefiro que pensem bem de mim.

— Tenho a certeza de que pensam. E saberem que cometeste erros e que os assumiste não modificaria isso.

Ele era realmente um fulano simpático.

— Achas?

— Bem, se mudasse, seriam uns bons sacanas.

E engraçado também. Que graça que ele tem.



A segunda-feira chegou e tive de me levantar para algo mais para além de pausas para comer e idas à casa de banho. Tinha de ir trabalhar. O Chris saía às seis da manhã para fazer uma hora de viagem de volta à realidade dele. Ele concordara com a minha regra de nos

vermos «fim de semana sim, fim de semana não» (o que faz disto uma não relação, compreendem?), por isso, só nos iríamos ver dali a duas semanas. Estava na hora de voltar ao modo advogada.

— Coloquei o seu correio em três pilhas: assuntos de clientes, assuntos urgentes e assuntos maçadores — explicou a Michelle, a minha assistente. Seguiu-me até ao meu gabinete.

— Posso tomar primeiro o meu café? Depois, acho que começarei pelos assuntos maçadores.

Ela baixou a voz:

— Eles fizeram uma reunião de sócios enquanto esteve fora. Creio que não correu bem. Parece que ninguém fala com o Gerald. Ou que ele não fala com eles. Nunca sei. E os outros três passam a vida a entrar e a sair dos gabinetes uns dos outros.

Adeus férias. Adeus fim de semana ocioso e sexy. Olá, políticas de escritório e necessidades de clientes.

— Obrigada. Ainda não consigo lidar com isso.

Pousei a mala, abri o computador e fui buscar café.

Consegui ter uma discussão mais ou menos racional com dois dos meus sócios do escritório de advogados sobre o motivo que tinha, mais uma vez, levado o Gerald, um homem completamente desprezível, a empenhar-se em ser o mais maçador possível para com os colegas, invocando todos os pormenores insignificantes que pudesse arranjar para atazanar os outros e lhe acalmar o ego. Desta vez, o problema fora a falta de claridade dos cubos de gelo feitos no frigorífico da nossa copa. Queria um novo modelo de frigorífico e queria-o já. Os meus sócios mais são de espírito haviam recusado gastar três mil dólares em cubos de gelo.

Chegada quinta-feira, já eu estava completamente absorvida no meu trabalho e a Irlanda desvanecera-se numa bem-aventurada recordação. Trabalho na área de planeamento de propriedades, o que significa que lido com a morte e com impostos (brincava frequentemente com isto, dizendo que teria sempre trabalho). Tinha um cliente a quem haviam diagnosticado recentemente um cancro nos ossos e que precisava do seu testamento atualizado, e depressa. Iria encontrar-me com ele no hospital na semana seguinte, ou no meu escritório, no fim de semana. Havia muito a fazer.

— Quer atender a Destiny do Centro de Adoção de Animais? — perguntou a minha secretária pelo intercomunicador.

— Como posso não atender quando a Destiny¹ me liga? — Oh, se eu tivesse sabido que esta piada seria para mim.

Estivera na direção do Centro de Adoção de Animais Mary St. Roberts por várias vezes, ao longo de quinze anos, e eles sabiam da morte recente dos meus cães. Adotara a *Roxy* lá quando ela tinha 8 anos, acabada de ser diagnosticada com um sopro no coração. O pessoal enviara-me um cartão de condolências quando ela morreu.

— Bem, sei que voltou de férias e aguardámos alguns dias, mas queria dizer-lhe que... temos cá um *beagle*. Trouxe-o do abrigo de Moreno Valley, mesmo antes de realizarem a eutanásia. Está pronta para um outro cãozinho?

O meu amor incondicional pela raça *beagle* era bem conhecido, visto a *Roxy* ter sido o quarto cão dessa raça que adotara e encontrara lares para muitos outros ao fazer-lhes os maiores elogios como sendo o cão perfeito para toda a gente — pequeno e suficientemente querido para mulheres; de pelo curto, compacto, e suficientemente desportivos para homens; de grande energia e temperamento tolerante e brincalhão para com as crianças. Gostava imenso dos *beagles* e, tal como uma mulher apaixonada, ignorava muitas das características menos simpáticas da raça.

Porém, estaria eu preparada para ter outro cão?

Não. Não estava. A viagem à Irlanda fizera-me muito bem, mas ainda não sarara todas as feridas. Começara a pensar que talvez reduzisse o meu alfabeto de vida para apenas A, C, e L (retirando o segundo C). E, calma... talvez um *beagle* não seja o cão ideal para toda a gente. Talvez eu tivesse descoberto um limite. Um *beagle* novinho não é um cão de casa. Não é o género de cão para uma mulher divorciada que trabalha longas horas por dia. Um *beagle* não é apenas um cão. Um *beagle* é um cão que traz tudo com ele. É um cão bom para a vida antiga que eu tinha, não para o novo género de vida que começara vagamente a traçar. Não seria uma boa ideia.

¹ O nome Destiny poderá traduzir-se por «destino». Daí a piada: como recusar uma chamada do destino? [N. da R.]

Contudo, ah, como eu gosto de *beagles*!

O meu amor por eles começou entre o meu segundo ano na secundária e os primeiros anos da faculdade. Queria ter ido numa viagem de estudo, para o outro lado do oceano, mas o meu pai insistira em que ficasse para um encontro de família. Visto ser o meu pai quem pagava as contas, tanto das propinas da universidade como de qualquer viagem que eu fizesse, encontrei-me nos campos da Georgia para as férias de verão. De início, andava tristonha e amuada com tamanha injustiça, como só uma adolescente consegue estar. Porém, um dos meus tios era criador de cães de raça *beagle*, para caça, e rapidamente dei por mim a passar a maior parte do dia com ninhadas de cachorrinhos. Dentro de muito pouco tempo, já andava a visitar e a brincar com os meus primos também. Não há nada mais querido que um cachorrinho *beagle* e rapidamente me esqueci de Istambul, Atenas e Barcelona, trocando-as por bolinhas de pelo tricolor e barriguinhas redondas a latir, em Gray, na Georgia. O meu tio queria dar-me um cachorrinho para levar para casa, mas eu ainda tinha de acabar os estudos. Depois, iria estudar Direito. Tive o meu primeiro *beagle* a duas semanas de terminar o curso de Direito, e estava lançado o meu primeiro caso de amor com cães desta raça.

O meu coração pode ter endurecido, com os anos, mas ainda guardo um espaço aconchegante para cães. Além disso, eles tinham salvado este *beagle* a pensar em mim. Devia dar lá um salto, ao menos por cortesia. Por precaução, também me certifiquei de que aquele cão ainda não estava pronto para adoção, por isso não corria riscos por ir espreitá-lo.

Mais vale prevenir do que remediar.

A Destiny levou-me ao canil onde se encontrava o cão, ainda no último dia dos três de isolamento obrigatório. Ouvi-o uivar muito antes de chegar em frente à sua casinhota. O uivo dos *beagles* é diferente, algo aterrador. Há uma razão para os franceses lhes chamarem *be' gueules* (bocas escancaradas) mas, para mim, é como um apelo a casa. No entanto, este uivo em particular não era o de um *beagle* normal.

O cão saudou-me aos uivos desvairados, insistentes e roucos. Quando o empregado do refúgio abriu a porta do canil e soltou o cão,

ele correu para mim, saltou-me para as pernas, esticando o focinho na minha direção e toca a «auuuuauuuuuuuuuuu» mesmo na minha cara. Ri-me e baixei-me para lhe fazer festas, voltando a lembrar-me do quão adoráveis são estes cães. Enroscou-se em mim, virando-se para que lhe pudesse afagar o dorso. Agora que recebera contacto humano, acalmara-se, mesmo que por uns instantes. Fiz-lhe festas na cabeça macia e redonda e reparei em algumas coisas pouco habituais. Primeiro, era a cor — tinha as habituais marcas da raça mas, onde a maior parte dos *beagles* é branca ou bege, este cão era arruivado. Além disso, onde seria de esperar uma compacta mancha branca, o pelo era mosqueado de branco e malhado de cinzento. Tinha as unhas pretas e pareciam ter sido assim pintadas por alguma adolescente gótica. Os olhos pareciam pintados de tal maneira que qualquer membro de uma banda de *rock* o invejaria. Além disso, havia o uivo. Soava como se ele tivesse mamado uísque das tetas da mãe e que tivesse andado a fumar desde que nascera. Estremeceu ao fazer-lhe festas. Permaneceu junto de mim, exercendo força contra a minha perna, a minha mão, em qualquer parte de mim a que conseguisse chegar. Principalmente, estava a pressionar o meu coração. Reparei numa outra característica única. A orelha esquerda tombava para trás, virada para fora, e ficava nessa posição. Eu punha-a para baixo, fazendo dele um verdadeiro *beagle* de orelhas caídas, mas a orelha acabava por voltar a ficar na mesma posição, para trás. O cão olhava para cima, para mim, com uma longa orelha flexível para a frente e a outra para trás, com aqueles olhos castanhos e pintados a lápis negro, suplicantes.

Era um amorzinho. Gostava de mim. Naquele instante, ambos sabíamos que ele iria para casa comigo. Tinha apenas de acreditar que aquela ideia de que «ele é um amor e vem para casa comigo» daria melhor resultado com cães do que com homens.

O cão precisava de ficar ainda o resto dos três dias obrigatórios no canil e eu tinha de voltar para o trabalho, o que me deveria dar tempo suficiente para ponderar sobre se este cão seria uma boa ideia para mim. Deveria.

— Posso vir buscá-lo no sábado, não é? — Perguntei à Destiny.

— Sábado de manhã.

— Assim dá-me tempo para lhe comprar comida e uma casota.
Acaricie a cabecinha arredondada dele.

— Eu volto, querido. Venho buscar-te amanhã.

— Eu bem sabia que ele era perfeito para si.

A Destiny pôs-lhe a trela e levou-o de volta para o canil.

Começou imediatamente a uivar. Auuuuuu! Auuuu! Auuuuuuuu!

Isto não está a acontecer! Leva-me contigo! Agora, digo eu! Já!

Ainda o ouvia uivar ao afastar-me de carro, já com saudades dele e sentindo-me culpada por o ter deixado. Nem sequer parei por um instante para pensar naqueles uivos a saírem de minha casa. Uma mulher apaixonada consegue ignorar muitos traços maus.

Cada um dos *beagles* que tivera havia tido os seus próprios esquemas de cor. O cão com que ficara depois do curso de Direito era a *Raz* (diminutivo de *Razumov*; obrigada, Joseph Conrad) e teve durante toda a vida coleiras e trelas amarelas. O azul fora do *Rabu* (diminutivo de *Rabushov* — uma transmutação não intencional do nome mais literário *Rubashov*, pedindo desculpas a Arthur Koestler, mas, com franqueza, que raio de alcunha teria sido «*Rub*»?); o vermelho fora, naturalmente, para o *Richelieu* (como o cardeal) e o cor de rosa para a minha *Roxy* (é verdade, não lhe dei o nome; adotei-a já ela tinha 8 anos). No sábado de manhã, comprei para o meu novo *beagle* uma coleira e uma trela verde-escuras, assim como uma casota com almofada confortável de algodão, de um lado, e uma cobertura verde-escura à prova de água do outro.

No caminho para o centro de adoção de animais, ia pensando num nome para este novo *beagle*. Pensei que me afastaria dos nomes com R. Escolhera o verde para ele por ser tão ruivo e eu acabara de chegar da Irlanda, por isso, naturalmente, associei cabelos ruivos a «irlandês». Talvez lhe desse um nome irlandês, para condizer com o seu tema verde. Um nome irlandês deve ficar-lhe bem. Pensei no primo que tanto me fizera rir na viagem. Talvez *Seamus* fosse um bom nome para o cão. Talvez até nos trouxesse alguma da sorte irlandesa. Porém, um nome tem de assentar bem num cão. Veremos, pensei, enquanto estacionava em frente do Centro de Adoção. Veremos.

A Destiny lá trouxe o cão, barulhento, aos saltos, exultante para a «sala das saudações» para que eu o conhecesse melhor. Não levou

muito tempo. Parou de uivar mal lhe fiz uma festa e voltou a atenção para a minha bolsa e depois para me cheirar, por essa ordem. Deve ter encontrado qualquer coisa de que gostou, porque saltou para o banco ao meu lado e encostou-se a mim, inclinando-se para me olhar. Era meu e eu dele. A decisão nem sequer foi minha.

Pus-lhe a coleira verde nova e ele desatou a ganir e a saltar e deu-me cabo da cabeça de mil e uma maneiras, na viagem até casa, incluindo ladrar sempre que o carro parava — *Não te esqueças de mim! Estou aqui atrás! Aqui mesmo! Não me deixes lá! Estou aqui!* Nesse momento, soube. O meu pequeno e engraçado *beagle* ruivo, com uivos de uísque, era obviamente um *Seamus*. (Quando o raio de um cão quer encontrar o raio de uma mulher encontra-a. Carago!)

Quando chegámos a casa, o *beagle Seamus* foi atrás de mim lá para dentro e começou a correr por todo o lado, analisando cada centímetro da casa e demorando-se em toda a parte em que ainda permanecia um cheiro desvanecido de *Richelieu* e de *Roxy*. Cansou-se de farejar, uivando e saltitando para o meu colo e para o chão. Por fim, foi para a beira do sofá, aconchegando-se a mim, enquanto lhe fazia festinhas na cabeça e lhe afagava a barrigueta. Descontraiu-se. Comecei a reparar na maciez do pelo. Especialmente nas longas orelhas. Foi nessa altura que vi que o interior da orelha direita tinha uma cicatriz de cirurgia de cerca de cinco centímetros ao longo da orelha. Passei o dedo pela cicatriz. Onde quer que fosse que ele tivesse começado a vida, tinham tido o cuidado de lhe pôr um microchip, de o castrar e de tratar de o que quer que fosse que ele tivesse tido na orelhita.

A Destiny contara-me que ele fora encontrado nas estradas de uma cidade vizinha pelo Centro de Controlo Animal, a vadiar, e que ninguém o fora buscar ao refúgio de acolhimento. Também ninguém atendera do número registado no microchip. Quando o tempo dele no Centro chegara ao fim, ela vira-o, escolhera-o para ter uma segunda oportunidade e levou-o juntamente com mais três outros cães para o abrigo, onde ficariam até haver famílias que os adotassem. Isso fora dois dias antes de ela me ter ligado para lhe dar aquela segunda hipótese.

Sentados os dois no sofá, ia-lhe fazendo festas e coçando-o, descobrindo várias zonas onde ele queria que o afagassem — na

barriguinha, atrás das orelhas, no alto da cabecinha redonda. Era meigo, dócil. E aqueles olhos sombreados a preto, cor de chocolate derretido, amoleceram-me o coração. Era jovem — teria um ou dois anos. Teria muito tempo com ele, garanti a mim própria. Não haveria mais sofrimento. Não haveria mais um coração despedaçado. Por muito, muito tempo.

Continuei a fazer festas ao cão, suavemente, com meiguice. A minha casa não estaria só nunca mais. O meu alfabeto de vida voltara aos eixos. Além disso, este era um cão amoroso. Após alguns minutos, o *Seamus* pôs a pata esquerda sobre a minha perna direita e, olhando para mim, chegando-se muito a mim, aceitou-me como dele.



*A história real e comovente
da luta contra o cancro
de um cão e de uma mulher,
e do amor que os une.*

.....

Teresa J. Rhyne está a tentar reestruturar a sua vida depois de dois casamentos fracassados e da morte dos seus cães – muda de casa, tem um namorado novo e adota um cachorrinho. E, como qualquer cãozinho, *Seamus* é desastrado, barulhento e travesso.

Pouco tempo depois de ter adotado o incorrigível *Seamus*, Teresa descobre que ele tem um tumor maligno e menos de um ano de vida. O diagnóstico deixa-a devastada, mas decide lutar e aprender tudo o que está ao seu alcance sobre o melhor tratamento para o seu cão.

O período que se seguiu foi desolador, mas Seamus sobreviveu.

O que Teresa não podia adivinhar é que se estava a preparar para o próximo grande obstáculo da sua vida: um diagnóstico de cancro da mama. Começa então a sua própria batalha: os tratamentos, os efeitos secundários, a depressão.

E Seamus não deixou que ela desistisse.

.....

A história de Seamus e de Teresa é uma lição de vida, recheada de momentos hilariantes e travessuras que só um cachorrinho poderia protagonizar...

E com um final feliz e inspirador.



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.


o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN: 978-989-668-250-7



9 789896 682507

www.nascente.pt